

REGINA BECKER-SCHMIDT: TEORIA CRÍTICA, MULHERES, SOCIEDADE

Regina Becker-Schmidt: Critical Theory, Women, Society

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ*

alexfvaz@uol.com.br

1 UMA NOTA PESSOAL

Quando cheguei a Hannover, Alemanha, na segunda metade dos anos 1990, eu pouco sabia da capital da Baixa Saxônia, que por motivos diversos algumas vezes visitara, e onde viviam ou tinham vivido amigos que estudaram na universidade local. Menos ainda estava informado sobre a presença da Teoria Crítica da Sociedade na vida intelectual da cidade, a não ser que lá lecionava Oskar Negt. Anos antes ele tivera um breve texto publicado nos Cadernos da Civilização Brasileira (Negt, 1980), visitando o Brasil pouco depois para uma série de conferências que resultaram no livro *Dialética e história: crise e renovação do marxismo* (Negt, 1984). Além disso, recebera uma breve menção como representante da segunda geração da Escola de Frankfurt no livro *A Teoria Crítica: ontem e hoje*, uma introdução ao tema escrita por Barbara Freitag (1986), socióloga e educadora alemã com vasta e importante produção acadêmica no país.

Após de alguns meses em Göttingen, frequentando o Goethe Institut para aperfeiçoar as habilidades com a língua alemã, de modo a ter condições de frequentar a Universidade, a chegada a Hannover foi, se não o enfrentamento do absoluto desconhecido, uma experiência de recomeço: a cultura acadêmica era muito diferente da que eu até então conhecera no Brasil, e demorei um bom tempo para entender como as coisas funcionavam. As dificuldades eram de todo tipo, desde as administrativas, com toda sorte de palavras que eu não sabia o que significavam, até as formas de expressão das ideias em sala e nos diferentes fóruns acadêmicos. Aos poucos, e não sem percalços, as coisas foram ficando mais claras.

* Universidade Federal de Santa Catarina.

Com o passar das semanas e dos meses, conversando com veteranos locais, frequentando as muitas e bem equipadas bibliotecas e livrarias no entorno do campus, e analisando atentamente o *Vorlesungsverzeichnis* – o anúncio dos cursos (com ementa e bibliografia) que seriam ministrados a cada semestre, na época impressos em pequenos e jeitosos cadernos –, eu aprendi os caminhos que levavam ao pensamento crítico nos diferentes institutos. Entre eles, descobri os que conduziam aos seminários ministrados por Regina Becker-Schmidt.

Foi um achado. Eram tempos de internet incipiente, com parca circulação de artigos e livros internacionais na periferia, e dela e de seu trabalho pouco ou nada se sabia no Brasil. Entre as diversas figuras-chave do debate contemporânea sobre a tradição da Teoria Crítica da Sociedade e sua constante atualização, Becker-Schmidt se destacava, como constatei em diversos seminários, leituras e outras atividades que pude realizar sob orientação dela, culminando com sua participação como membro da banca que me avaliou no exame oral de conclusão do doutorado. Conviver com ela na condição de aluno e tutorado na área de Psicologia Social foi antes de tudo um privilégio. Rigorosa no exame dos textos, firme na ousadia da interpretação e na análise da teoria e da dinâmica social, generosa na docência e na orientação, *Frau Professorin* foi maestra na formulação necessária para elevar ao conceito a experiência histórica que lhe correspondeu.

Este texto pretende ser uma pequena homenagem à Regina Becker-Schmidt. Ele foi pensado antes de seu falecimento, que o pegou de surpresa, apesar da longa enfermidade que a acometia. O desconcerto que a morte causou, assim como a tristeza que o acompanha, não alteraram o sentido, tampouco a abordagem das próximas páginas. Elas começam apresentando um pouco do contexto intelectual em Hannover, um destino eleito como lugar de realização de uma Teoria Crítica mais estritamente alinhada com o espírito daquele esforço inaugurado nos anos 1930 por Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Friedrich Pollock e Leo Löwenthal, entre outros, e que ganhou expressão particular nas décadas de 1950 e 1960, anos em que a Professora viveu em Frankfurt, estudou na Goethe Universität e atuou no Institut für Sozialforschung (Instituto de Investigação Social – IfS). Faço isso destacando, pelos motivos que serão vistos, a presença de Oskar Negt. Logo adiante, enfatizo seus anos de formação, como estudante e depois colaboradora e assistente de pesquisa, para então brevemente comentar um tópico de seu pensamento mais conhecido e desenvolvido principalmente já na Baixa-saxônia. Trata-se de uma questão que permanece atual e vem sendo, a seu modo, trabalhada no

debate feminista contemporâneo, qual seja, a dupla socialização da mulher, de classe e de gênero, na constituição de uma dialética do esclarecimento. Acompanha esse percurso a relação de seu pensamento com o de Adorno, o mestre com quem aprendeu os movimentos da Teoria Crítica, mas a quem soube criticar e a partir de cujo pensamento criou seus próprios caminhos.

2 HANNOVER: LEVAR ADIANTE UMA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

Poucos meses depois da repentina morte de Adorno, em 6 de agosto de 1969, a constelação intelectual que se organizava em torno do grande dialético precisou encontrar novos arranjos. Já em 1970, houve movimentos diversos de atração e repulsão, como aqueles mais estritamente teóricos e concernentes ao seu legado, a exemplo da conclusão de *Teoria estética* (Adorno, 1997a), suma temática que corava o esforço de tantos anos de seu autor, mas que não pôde ser concluída em vida. Se o conteúdo já se encontrava pronto, em relação à forma o livro ficou a dever o arremate que ainda se realizaria, restando a Gretel Adorno e Rolf Tiedemann a tarefa de organização do material, seu acabamento e publicação.

Houve igualmente reconfigurações institucionais, como a despedida, no mesmo 1970, do sociólogo e professor de Filosofia Oskar Negt das margens do rio Main. Ao invés de assumir a direção do *Institut*, cargo para o qual teve seu nome considerado, ele se transferiu para a Baixa Saxônia, onde ocupou uma cátedra no Instituto de Sociologia da então Technische Universität Hannover. Foi no velho edifício da rua Schneiderberg, número 50, vizinho ao restaurante universitário, que pesquisou, refletiu, escreveu, lecionou, atendeu alunos e alunas e desenvolveu suas tarefas administrativas até 2002, ano de sua jubilação como Professor Emérito.

A partir de 1962, ao se doutorar sob a orientação de Adorno e Horkheimer, ele exerceu o cargo de Assistente, em Marburg e na própria Frankfurt, de Jürgen Habermas. Antes, ao chegar à cidade na década de 1950, procurava reorientar seus estudos de graduação, depois de uma estadia em Göttingen, onde cursara poucos semestres do curso de Ciências Jurídicas. Como costumava relatar (Hartle; Negt, 2018), interessava-lhe antes a Filosofia do Direito que o ofício de advogado. Destacando-se pela acuidade conceitual nos seminários, não demorou para que, ao concluir a carreira combinada de Sociologia e Filosofia, ampliasse seu trabalho de con-

clusão de curso, transformando-o em tese de doutorado, o que lhe deu as condições para o cargo que ocuparia junto a Habermas.

No Norte da Alemanha repartida entre as forças de ocupação do pós-guerra, e desde 1990 na forma da problemática unificação sob os auspícios da República Federal, Negt pôde desenvolver suas pesquisas sobre teoria social, organização sindical e educação, criando ademais (e mantendo-se como conselheiro por muitos anos) a *Glocksee Schule*, escola com métodos alternativos aos tradicionais, de inspiração antiautoritária e ligada à tradição de lutas dos trabalhadores. Um dos principais interlocutores dos estudantes conflagrados do final dos anos 1960, ele levava consigo o espírito de inconformismo que caracterizara o próprio Adorno, mesmo que sobre este pesasse o epíteto de “resignado” (Adorno, 1997b). Foi de sua lavra (Negt, 1968), aliás, a organização do volume que, no final dos anos 1960, criticou duramente Jürgen Habermas por causa das condenações que este destinara à parte do movimento estudantil. Considerado por seu autor um exagero anos depois (Hartle; Negt, 2018), a coletânea não deixa dúvidas sobre seu teor e posição: *A esquerda responde a Jürgen Habermas (Die Linke antwortet Jürgen Habermas)*.

Além das ideias e do quadrante político que orientava a pesquisa e o ensino em Hannover, Negt inaugurou a constituição de um grupo que consolidaria, ao longo de quatro décadas, o projeto de uma Teoria Crítica da Sociedade, para o qual concorreram jovens professores e assistentes vinculados à tradição frankfurtiana, que paulatinamente foram sendo contratados pela Universidade. Entre eles e elas, estavam vários ex-alunos de Adorno e de Horkheimer, como Peter Bulthaupt, químico de formação, mas tornado Professor de Filosofia, Elisabeth Lenk, Professora de Literatura e grande conhecedora do surrealismo, a própria Regina Becker-Schmidt, socióloga e especialista em Psicologia Social e Estudos de Gênero, além do jovem Detlev Claussen, que se doutorou sob a orientação de Negt e, depois de muitos anos como seu Assistente, do trabalho em outras instituições superiores e da atuação como intelectual independente, tornou-se Professor em 1994.

A aposentadoria de Claussen, em 2011, marca o fim da orientação crítica de matriz frankfurtiana na Leibniz Universität, interrompendo aquele processo iniciado por seu orientador quatro décadas antes. Antes do fim, no entanto, e junto com Negt e Michael Werz, ele organizou os *Hannoversche Schriften*, série de livros que, de 1999 a 2005, reuniu um esforço de síntese crítica das mais instigantes, com colaboradores alemães e de várias partes do mundo debruçando-se sobre grandes questões que se desenhavam depois do debacle do socialismo realmente existente.

O programa pretendia a reflexão mais aguda e contemporânea, tendo começado com o tema da experiência estadunidense na Teoria Crítica (*Keine Kritische Theorie ohne Amerika*), chegando às *Imagens do mundo em transformação* (*Veränderte Weltbilder*), mas passando por vários outros assuntos. No volume quatro, sobre a intrincada relação entre Filosofia e empiria, há um denso artigo de Becker-Schmidt (2001) sobre o papel das autobiografias de trabalhadoras na autoafirmação e na defesa do interesse das mulheres.

Vale citar o que consta na introdução do último número, o sexto, quase um epitáfio do pensamento crítico na Baixa-saxônia. Aproveitando o enfoque citado no parágrafo acima, o de um mundo que se via muito diferente daquele de décadas anteriores, não mais apenas pós-socialista, mas assombrado pelo 11 de Setembro, e o fato de os dois últimos ensaios da coletânea tratarem das mudanças estruturais no apoio à pesquisa durante a presença de Horkheimer, Adorno e seus colegas nos Estados Unidos durante o exílio, Claussen (2005: 8) menciona as próprias condições determinantes, naquele momento, em Hannover:

“Sob as novas correlações, os Hannoversche Schriften também devem chegar ao fim. As condições de trabalho dos organizadores experimentaram mudanças decisivas: Oskar Negt aposentou-se como Professor Emérito, enquanto Michael Werz deixou a Universidade de Hannover. A conexão e o apoio do Instituto de Sociologia, que para a publicação destes Escritos eram condições fundamentais, já não encontram a suficiente extensão. O número 6 dos Hannoversche Schriften será, portanto, o último desta série.”

Em Hannover, a presença do pensamento crítico não se limitava, no entanto, a quem viera de Frankfurt. Outros importantes personagens da cena alemã - e internacional - daqueles anos, sem necessariamente terem passado pela Goethe Universität, alinhavam-se ao impulso que no Instituto de Investigação Social encontrara solo fértil para seu desenvolvimento, como Alfred Krovoza (Psicologia Social), Lutz Hieber e Klaus Meschkat (Sociologia). Este último, na condição de Assistente da Universidade Livre de Berlim, formara, em fins dos anos 1960, a mesa de debates do Congresso Vietnã, no qual Herbert Marcuse (1967) proferiu sua conferência *O fim da utopia*. É de se destacar ainda Gudrun-Axeli Knapp, a colaboradora mais próxima de Becker-Schmidt no Instituto de Psicologia Social, autora de vasta obra com contribuição marcante para os estudos feministas. Ao contrário de todas as outras pessoas citadas, ela graduou-se na própria Universidade de Hannover.

Tampouco a crítica passava, sempre, pela orientação do que fora formulado por Horkheimer, Adorno e tantos colaboradores. Há que se mencionar, no Instituto de Sociologia, a presença de Barbara Duden, que pesquisou e lecionou intensamente sobre a História da Medicina e seus efeitos sobre a constituição do corpo feminino. Além dela, a de um personagem cuja existência tomei conhecimento porque sua trajetória e produção foram tema de um seminário ministrado no Instituto de Psicologia Social por Wolfram Stemder, no semestre de inverno 1998/1999. Tratava-se de Peter Brückner¹, Professor do mesmo instituto, onde atuara por 15 anos, desde 1967. Tendo sido pela terceira vez afastado do serviço público por suspeita de relacionar-se com atividades hostis à República Federal, mais especificamente, de apoiar o Rote Armee Fraktion (RAF), faleceu em razão de um infarto durante o último período de suspensão, sem ter completado cinco décadas de vida. Não pude, portanto, senão escutando as lições de Stemder e pelas leituras, conhecê-lo.

Nesse ambiente intelectual, nem sempre harmônico ou isento de disputas, como costuma acontecer, Becker-Schmidt desenvolveu sua carreira docente a partir de 1973 até sua aposentadoria na condição de Professora Emérita em 2002. Antes do breve comentário sobre tal percurso, a próxima seção deste texto se refere, como antes assinalado, aos tempos em que ela viveu em Frankfurt, onde foi estudante de graduação, colaboradora do Instituto de Pesquisa Social, doutoranda e Assistente, lá e na Goethe Universität. Foram anos certamente decisivos para a jovem pesquisadora, igualmente cruciais para a reorganização da Europa Central e da geopolítica mundial.

3 ANOS DE FORMAÇÃO: FRANKFURT

Regina Becker-Schmidt foi uma entrevistada prolífica, uma vez que não apenas seu trabalho original, tanto quanto sua filiação frankfurtiano, geraram desde sempre interesse, mas porque ela sempre se ocupou com detalhe e profundidade das per-

¹ Há um arquivo com a memória intelectual e política de Peter Brückner, que pode ser acessado em <https://www.tib.eu/en/search-discover/special-collections/peter-brueckner-archives>. Nele se encontra um ótimo documentário *Aus dem Abseits* (<https://av.tib.eu/media/48244>) dirigido por seu filho, o cineasta Simon Brückner, que mal chegou a conhecer pessoalmente o pai em vida, e que toma como ponto de partida a autobiografia *Das Abseits als sicherer Ort: Kindheit und Jugend zwischen 1933 und 1945* (Brückner, 2019). Fiz um comentário sobre Peter e a respeito do filme há anos atrás (Vaz, 2015), que pode ser encontrado em <https://pensaraeducacao.com.br/em-nome-do-pai-aus-dem-abseits-sobre-peter-bruckner-exclusivo/>

guntas propostas. Entre as várias vezes em que se pôs a responder questões sobre os caminhos de suas pesquisas, a inclusão e o desenvolvimento dos *Gender Studies* em suas reflexões e a posição que assumiu no interior da Teoria Crítica, destaca-se o conjunto de perguntas e respostas trocadas com Josef Früchtel e Maria Calloni (1991).

Como costumava relatar², Becker-Schmidt passou a infância e a adolescência no Vale do Ruhr, em uma família não propriamente burguesa, mas com forte inclinação para a vida intelectual e artística. Com a ausência do pai, morto quando ela ainda era uma criança pequena, o núcleo se organizou em torno da mãe, assim como as experiências de socialização aconteceram principalmente na escola e nas amizades com a juventude do entorno, boa parte dela filha das camadas trabalhadoras formadas pelos mineiros da região. A relativa escassez de pão teria sido de alguma forma compensada pela presença de um interesse cultural destacado. Foi em casa, observando o trabalho jornalístico e crítico da mãe, que a jovem secundarista leu pela primeira vez uma obra de Theodor W. Adorno (2023), a *Filosofia da nova música*, que a adulta tinha em mãos para consulta e orientação de um texto que escrevia.

Foi esse impulso cultural, em especial em relação à arte de vanguarda, que a fez deslocar-se da *Nordrhein-Westfalen* para Frankfurt, sem ter chegado aos 20 anos de idade, após ter frequentado uma escola para moças e ser aprovada no *Abitur*, o exame final do ensino médio. O olhar para a cultura aliava-se a outro tópico que lhe era importante e derivava de sua experiência de socialização no contexto das famílias trabalhadoras do Ruhr: a organização social que devia à luta de classes sua estrutura, tema sobre o qual ela pouco ainda podia teorizar, mas que ganharia consequência nos anos seguintes, em seminários – inclusive os de alunos veteranos que ensinavam as lições do marxismo – que ela frequentaria na Universidade. Foi esse o movimento que a levou, portanto, à Universidade Goethe no semestre de inverno 1956/1957, para estudar Filosofia, Economia e Psicologia, além de matri-

² Além da realizada por Josef Früchtel e Maria Calloni (1991), há outras entrevistas importantes, como as feitas por Helga Bilden e Karin Flaake (1994) e por Hannah Schmidt-Ott (2018). Devemos, aliás, a Bruna Della Torre (2021) um comentário, a tradução e a publicação desta última, a única em língua portuguesa: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/10/28/as-frankfurtianas-regina-becker-schmidt-e-a-teoria-critica-feminista/>

cular-se numa das primeiras turmas que diplomaria alunos de Sociologia, ainda uma ciência pouco institucionalizada³.

De Frankfurt, a aluna recém-chegada do Ruhrpott foi para Paris para frequentar a Sorbonne (1960/1961), cruzando novamente a fronteira para retornar não apenas à Universidade, mas ao Instituto de Pesquisa Social, onde se tornaria pesquisadora-assistente em 1963, logo após completar os estudos de graduação. Antes disso fascinou-se, segundo suas próprias palavras, com a capacidade expressiva, que aliava concentração e a mais precisa linguagem, de Theodor W. Adorno. Segundo contaria décadas depois, o docente era capaz de proferir uma sentença, seguir por 20 minutos argumentando e colocar um ponto final exatamente no lugar correto. Se o contato inicial, em especial frente a uma situação de exame ou apresentação oral, era de certo temor em relação àquele que ela teve como mestre, ao mesmo tempo em que o soube criticar, isso não superava outro sentimento:

“Mas havia algo mais que contrastava com essa suspeição de corifeu. A paixão de Adorno pelo filosofar tinha algo de contagioso, ela conduzia. Jamais em minha vida voltei a encontrar um ser humano que de forma semelhante fosse capaz de ensinar que refletir, conceituar e descobrir conexões é algo sensual. Adorno dominava o pensamento de forma libidinal – isso era algo que transbordava. Junto a ele, aprendia-se com “entusiasmo”. Essa vivacidade se traduzia não apenas em uma relação intelectual, mas igualmente emocional, com meu mestre” (Früchtli; Caloni, 1991: 208).

Os seminários de Adorno e de Horkheimer, que se revezavam no ensino dos conceitos básicos de Sociologia – totalidade, sociedade, indivíduo e sociedade etc. –, possivelmente utilizando os *Soziologische Exkurse* (IfS, 2013), marcaram a jovem estudante. Mas, foi no curso de outra pessoa que algo mais se revelou, de forma a somar-se às contradições de classe a desigualdade que assolava as mulheres:

“Então, em meu segundo ou terceiro semestre frequentei um seminário de Helge Pross sobre a desigualdade de chances educacionais entre rapazes e moças. Isso me abriu os olhos para o fato de que em nossa sociedade não há apenas diferenças de classe, mas também desigualdades de gênero, cujos efeitos não são menores. Com tal conhecimento, alterou-se também meu olhar para a Univer-

³ Observe-se, por exemplo, que os *Soziologische Exkurse* (IfS, 2013), o manual básico de Sociologia organizado pelo Instituto de Pesquisa Social, sob a responsabilidade de Horkheimer e Adorno, vem a público em 1956, no contexto da reconstrução da Universidade alemã, em especial das áreas de Humanidades. Há uma tradução brasileira que apareceu sob o título de *Temas básicos em sociologia* (Horkheimer; Adorno, 1973).

cidade. Eu comecei a me colocar questões: quantos Professores e quantas Professoras há de fato por aqui? Quantos estudantes homens e mulheres? Quais são os assuntos dos quais, a rigor, a Universidade se ocupa?” (Schmidt-Ott, 2018: s.p.).

Foi toda uma revelação para Becker-Schmidt, que provavelmente se refere ao pioneiro curso *O lugar da mulher na sociedade (Die Stellung der Frau in der Gesellschaft)*, ministrado no semestre de verão de 1959⁴. O movimento de mulheres na Alemanha, assim como o da presença feminina no mercado de trabalho, inclusive de pessoas jovens, foram alguns dos tópicos tratados⁵. Pross dedicou muito de seu esforço acadêmico ao estudo da gestão econômica, mas seu estreitamento com as questões do feminino não ficou apenas no mencionado seminário, cuja abordagem ocuparia as páginas de um livro publicado uma década depois (Pross, 1969). No ano seguinte, 1960, por exemplo, ela proferiu uma conferência no Conselho Estadual de Mulheres, em Kiel, órgão do governo da Schleswig-Holstein, estado mais ao Norte da República Federal, sob o título de *A mulher na sociedade moderna (Die Frau in der modernen Gesellschaft)*⁶.

No semestre que sucedeu o curso ministrado por Pross, Becker-Schmidt frequentou o seminário *Zum Studium des autoritätsgebundenen Charakters (Estudo sobre o caráter autoritário)*, oferecido por Adorno no contexto da formação em Sociologia, no qual se discutiu a construção do conteúdo, para o contexto da Alemanha, de um dos instrumentos empregados em *Authoritarian Personality* (Adorno; Frenkel-Brunswik; Levinson; Sanford, 2019). A partir de um rascunho previamente preparado, a discussão acontecia, em detalhes, item por item. Assinando ainda como Regina Schmidt, e na companhia mais experiente de Hilmar Tillack, em 12 de

⁴https://wiki.studiumdigitale.uni-frankfurt.de/SOZFRA/index.php/Soziologische_Lehrveranstaltungen_von_1949-1973_-_Archivbestaende_der_Goethe-Universi-

[taet_Frankfurt#Helge_Pross.2C_.C3.9Cbung:_.E2.80.9EDie_Stellung_der_Frau_in_der_Gesellsch](https://wiki.studiumdigitale.uni-frankfurt.de/SOZFRA/index.php/Soziologische_Lehrveranstaltungen_von_1949-1973_-_Archivbestaende_der_Goethe-Universi-taet_Frankfurt#Helge_Pross.2C_.C3.9Cbung:_.E2.80.9EDie_Stellung_der_Frau_in_der_Gesellsch)

https://wiki.studiumdigitale.uni-frankfurt.de/SOZFRA/index.php/Soziologische_Lehrveranstaltungen_von_1949-1973_-_Archivbestaende_der_Goethe-Universi-

[taet_Frankfurt#Helge_Pross.2C_.C3.9Cbung:_.E2.80.9EDie_Stellung_der_Frau_in_der_Gesellsch](https://wiki.studiumdigitale.uni-frankfurt.de/SOZFRA/index.php/Soziologische_Lehrveranstaltungen_von_1949-1973_-_Archivbestaende_der_Goethe-Universi-taet_Frankfurt#Helge_Pross.2C_.C3.9Cbung:_.E2.80.9EDie_Stellung_der_Frau_in_der_Gesellsch)

⁶ Poucos meses antes, aliás, naquele mesmo ano, Simone de Beauvoir ministrava suas palestras para o público brasileiro, em sua única viagem ao país, onze anos depois de publicar seu clássico *O segundo sexo*.

janeiro de 1960, esteve com ambos a responsabilidade do registro de um dos encontros realizados para a discussão da A-Skala. A leitura do *Protokoll*, redigido quatro dias depois (Schmidt; Tillack, 2022) nos diz que foram abordados 31 pontos, entre os quais, pelo peso que terá nas futuras investigações da autora, vale destacar dois. O primeiro (n. 20) trata da reação frente a afirmações machistas e alarmistas, como o comércio escravagista de mulheres (“A partir dos artigos da revista ilustrada, tentar captar um elemento projetivo: as pessoas inventam os traficantes de moças para lhes atribuir o que elas próprias gostariam de fazer.”), ou a respeito de tema assemelhado, mas com ênfase no In-group-Aspekt, o que inclui as projeções preconceituosas em voga (“que rapazes alemães estão sendo levados à força para a Argentina, assim como jovens alemãs para a Argélia”). O segundo (n. 24) se refere a uma questão que foi, finalmente, suprida, e o que é de se sublinhar é que isso ocorreu por intervenção de Gretel Adorno, ao apontar que ele se sobrepunha ao item 1, repetindo o mesmo contexto. Nem sempre se lembra da presença e da importância dessa intelectual, doutora em Química em 1925, na constituição da Teoria Crítica da Sociedade.

Em 1962, ano em que concluiria sua graduação, Becker-Schmidt elabora um novo registro, desta vez de um *Vorlesung* (conjunto de aulas expositivas, em que praticamente só o Professor ou Professora fala, com eventualmente algum espaço para perguntas) sobre Sociologia da Música, ministrado por Adorno. Depois de passar por uma série de exemplos de peças importantes, mencionar a desartificação e a autoincineração da arte, o mestre teria chegado à literatura – procedimento, aliás, que não lhe era incomum –, para então arrematar:

“A imagem do aterrorizante (des Grauens), que na música aparece emudecida, ressurgiu nos dramas de S. Beckett. Esta relação leva à seguinte pergunta: ‘O fato de que ainda hoje ser possível elevar o horror, por assim dizer, a um princípio estilístico – como acontece nas peças de Beckett – dá esperança de que o horror possa, nomeando-o, ser banido?’

Prof. Adorno respondeu da seguinte forma: Até certo ponto permaneceria essa esperança. Em um mundo do qual o terror total se ocuparia, a própria imagem aterrorizante seria proibida. Ao mesmo tempo, essa atitude de suportar o horror corre o risco de se transformar em estoica apatia. Esse momento de capitulação está presente até mesmo em Beckett, ao lado da força de apontar para a ferida aberta: ‘Já não há muito a temer.’” (Schmidt, 2021: p. 231).

Os anos seguintes, ainda em Frankfurt, são de trabalho como colaboradora e logo após como Assistente no Instituto de Pesquisa Social, onde estreitaria a relação, de trabalho e amizade, com Adorno e com Gretel. Da rotina investigativa na instituição um destaque é o livro que resultou do trabalho liderado por ela e Egon Becker (1967), *Reações a acontecimentos políticos: três estudos de opinião da República Federal* (*Reaktionen auf politische Vorgänge: Drei Meinungsstudien aus der Bundesrepublik*). Tratava-se de investigar as posições de cidadãos da Alemanha Ocidental, país sob intervenção dos Estados Unidos da América e de seus aliados, e epicentro da Guerra Fria, a respeito de episódios que de alguma forma colocavam em jogo a maturidade democrática da população, duas décadas depois do fim da Segunda Guerra e da derrubada formal do nacional-socialismo.

O material é rico em resultados empíricos e interpretações dialéticas, demarcando um esforço que não era estranho à autora, que já vinha há anos se formando para este tipo de investigação, tampouco a Becker, ele mesmo coautor de um livro sobre estatística aplicada às Ciências Sociais (Ritsert; Becker, 1971). Chamam a atenção, ademais, as obras escolhidas para sustentar as análises, que são referentes a trabalhos de outros institutos de pesquisa, à tradição frankfurtiana (a exemplo de Otto Kirschheimer, Jürgen Habermas e, evidentemente, Adorno), a interlocutores importantes à época, como Ralf Dahrendorf, mas também a intelectuais como Roland Barthes, Hannah Arendt e Karl Jaspers, além de colegas que anos antes haviam apresentado seus robustos trabalhos de conclusão de curso, como Michaela von Alth e Klaus Horn.

O primeiro acontecimento foram os atos decorrentes de reportagem sobre exercícios de tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1962, no contexto da Crise dos Mísseis, em Cuba, episódio que supõe-se por pouco não ter levado o mundo à III Guerra Mundial. Diretores e redatores da revista semanal *Der Spiegel* foram acusados de traição à pátria e conduzidos à prisão. “No centro da investigação sobre o Spiegel-Affäre estava a pergunta sobre a relação entre liberdade de imprensa e segurança do Estado em uma democracia”, escreveram Regina Schmidt e Egon Becker (1967: 23). O segundo foi uma greve dos metalúrgicos de Baden-Württemberg, o que fez ser questionado sobre o direito de trabalhadores de recorrerem a tal expediente. A hipótese inicial, que se baseava em trabalhos feitos nos Estados Unidos, era de que haveria uma avaliação negativa, principalmente de camadas médias, em relação ao movimento. Não aconteceu dessa forma, de manei-

ra que os pesquisadores puderam destacar a “função corretiva da pesquisa empírica” (Schmidt; Becker, 1967: 23).

Se os dois acontecimentos acima não foram inicialmente pesquisados com a intenção de comporem um livro, como os autores explicam, mas responderam a uma situação comum, o seguinte, que coroa a discussão da tríade, não acontecera na Alemanha, não ao menos naqueles anos 1960. Observava-se, em Jerusalém, o julgamento de Adolf Eichmann, oficial nazista responsável pela organização administrativa de grande parte do genocídio judeu durante os anos sob o III Reich. Segundo Schmidt e Becker (1967: 109), “O ex-líder da SS chamou a atenção da população porque alguns sentimentos de culpa reprimidos podiam ser nele projetados.” Dizem os resultados da pesquisa, feita em duas etapas, que eram muitos os que acompanhavam as sessões e poucos aqueles que discordavam de sua instalação, assim como da condenação do réu. Permanecia, no entanto, o que Adorno (1997c) evocara em seu importante ensaio de 1959, *O que significa elaborar o passado*: para viver a democracia em razoáveis condições, seria preciso haver-se com o período totalitário, gesto que a população alemã, em maioria, não estaria de fato disposta a fazer.

As conclusões do estudo (Schmidt; Becker, 1967) mostram que a democracia ainda era vivida sob certa apatia e indiferença, orientada por um viés de confirmação das condições dadas, sem grandes questionamentos sempre e quando estivessem garantidas as liberdades individuais mais imediatas. Por outro lado, eram poucos os que apoiavam medidas autoritárias, eventuais ou não, ainda que houvesse aqueles que falassem nos “pontos positivos” do nacional-socialismo. De forma geral, e recorrendo a uma abordagem recorrente em estudos da Teoria Crítica, a conclusão é de uma inclinação, nos termos de uma sociedade fortemente integrada, a deixar-se influenciar pela propaganda, e isso valeria também para o que se escuta ser correto na vida democrática, o que deixa pouca margem para uma incorporação crítica e autônoma de sua substância.

De forma lapidar, as últimas linhas do livro afirmam que

“Partindo do pressuposto de que “a compulsividade dos submetidos à autoridade seja o equivalente psicológico da reificação social” [Horn], então - e com a progressiva integração da sociedade e um descompasso crescente entre a demanda social por conformidade e renúncia das pulsões e, nos termos da economia pulsional, a capacidade individual de desempenho - a ligação com a autoridade, no sentido da expansiva possibilidade de manipulação, poderia tornar-

se um fenômeno coletivo. Como isso, poder se manifestar politicamente, no entanto, não é apenas uma questão da maneira de pensar das pessoas ou mesmo de sua boa ou má vontade, mas uma questão da capacidade funcional e objetiva do sistema para lidar com suas crises.” (Schmidt; Becker, 1967: 140-141).

Ainda em Frankfurt, Becker-Schmidt começa seu doutorado sob a orientação de Adorno, processo que se interrompe com a morte prematura e surpreendente do último, em 1969. A pesquisa seguiria sob a direção de *Ludwig von Friedeburg*, que fora, ademais, escolhido como novo diretor do Instituto de Pesquisa Social, cargo que já exercia na condição de adjunto desde 1966. A tese foi defendida em 1972, fazendo-a alcançar o título que lhe deu a chance de desenvolver exemplar carreira universitária que começa na própria Universidade Goethe, como Assistente, mas que ganha outra dimensão ao assumir uma cátedra do Instituto de Psicologia Social da Universidade Leibniz, em Hannover.

4 NA BAIXA-SAXÔNIA

Em 1973, Becker-Schmidt iniciou suas atividades em Hannover, e lá intensificou o interesse pela situação das mulheres na sociedade capitalista, aprofundando seu feminismo e desenvolvendo uma perspectiva original no espectro da Teoria Crítica da Sociedade. Não foi propriamente uma mudança de rota, mas um direcionamento para um tema e um tipo de abordagem que, a partir da tradição frankfurtiana, pudesse alcançar motivos que não eram priorizados pelos mestres, cujas interpretações, ademais, eram a esse respeito limitadas. Perguntada sobre como e quando, tendo sido uma Adorno-Schulerin, chegou ao feminismo e à pesquisa sobre mulheres vindo da Teoria Crítica, ela respondeu que a indagação soava como se ela tivesse abandonado aquela linha, e isso não podia ser assim tão facilmente dito:

“No contexto dessa orientação teórica e metodológica, assumi minhas próprias posições – mas crítica não significa necessariamente uma ruptura com uma tradição. Em resposta à sua pergunta: penso que posições demarcando diferenças desde cedo surgiram. Nos estudos de Horkheimer sobre Sociologia da Família, o filho desempenha uma função muito superior à da filha; para ele, a mãe pertence à casa, e o papel do pai é definido principalmente pela situação profissional masculina. Adorno segue de forma bastante acrítica os padrões freudianos da sexualidade feminina. (...)

Por que ainda me oriento por Adorno, Horkheimer e Marcuse? Primeiro, pela capacidade deles de transformar experiências sociais em pontos de referência para a construção teórica – isso é evidente em suas análises do fascismo, nas avaliações sobre o desenvolvimento tecnológico e na sensibilidade frente aos conflitos sociais. Além disso, continuo fascinada pelo caminho interdisciplinar da Teoria Crítica – ela se volta para a história, indaga sobre as mediações entre indivíduo e sociedade, sem propor que a constituição de um e de outro se dê em um continuum teórico. E, não menos importante, são caminhos metodológicos que continuo a seguir: a negação determinada como instrumento de crítica, a crítica à ideologia como investigação dos mecanismos que ocultam as inconsistências sociais da consciência, e a análise contextual como aprofundamento da complexidade.” (Bilden; Flaake, 1994: 60).

Estruturando sua reflexão a partir da crítica adorniana, Becker-Schmidt (1999a) pôde objetar aspectos de certo feminista radical, que ao sobrevalorizar a diferença, recairia na lógica identitária, ao mesmo tempo em que se opôs a outra posição feminista, desta vez de extração liberal, porque sua luta por equidade resultaria, finalmente, na valorização meritocrática e na generalização da condição da mulher, colocando em segundo plano aspectos étnicos e de classe. A crítica radical à razão instrumental – e seu posicionamento a respeito da dialética sujeito-objeto (Becker-Schmidt, 2004) –, por outro lado, é o que autorizaria a construção de um caminho para o estudo do androcentrismo, mesmo que em Adorno prevaleça, em que pese “sua veemente condenação à violência patriarcal sobre as mulheres”, “uma imagem de feminilidade mais conformista que progressista.” (Becker-Schmidt, 1999a: 104).

É nesse contexto, de sólida estruturação de um pensamento na tradição frankfurtiana, mas atento a questões do presente que só podem ser consideradas a partir das condições sociais dadas, que ela afirma que “Confrontada com a pesquisa social empírica do Instituto em Frankfurt, ficou-me claro que tanto lá quanto onde fosse, o trabalho das mulheres era muito pouco notado – ‘gênero’ não era mais do que uma variável estatística.” (Bilden; Flaake: 1994: 60).

Em Hannover desenvolve-se a construção do conceito de dupla socialização das mulheres, que acontece no trabalho assalariado e na vida privada, igualmente com a pesada carga, mas sem remuneração (Becker-Schmidt, 1987). Foram anos de trabalho empírico coletivo aliado à formulação teórica, que deram chance para que isso acontecesse, gerando uma infinidade de livros, artigos e comunicações em congressos. Uma síntese desse empreendimento, em seu momento inicial, pode ser

encontrada em uma obra (Becker-Schmidt e colaboradoras, 1982) significativamente intitulada *Nicht wir haben die Minuten, die Minuten haben uns* (Não somos nós que possuímos os minutos, mas eles que nos possuem). Ele traz a primeira parte dos resultados de um projeto que Becker-Schmidt (2001) coordenou entre 1980 e 1985, alcançando um total de 60 biografias de mulheres trabalhadoras, construídas a partir de entrevistas profundas. A abordagem da dupla socialização em boa medida orientará suas investigações e reflexões dali por diante, como ela bem explica em um artigo tornado referência (Becker-Schmidt, 2003), *Zur doppelten Vergesellschaftung von Frauen. Soziologische Grundlegung, empirische Rekonstruktion* (Sobre a dupla socialização de mulheres. Arcabouço sociológico, reconstrução empírica)⁷. Observa-se ademais, no transcorrer das investigações, a presença de Helga Pross (1973; 1975), que desenvolveu muitas pesquisas sobre economia do trabalho⁸, além de ser a Professora que tanto a inspirara nos tempos de aluna em Frankfurt.

No citado livro (Becker-Schmidt e colaboradoras, 1982), a ênfase recai sobre mães trabalhadoras, que atuavam na linha de montagem, em sua experiência social concreta - daí a evocação, logo na primeira página, de *Öffentlichkeit und Erfahrung: Zur Organisationsanalyse von bürgerlicher und proletarischer Öffentlichkeit*, (Esfera pública e experiência: análise da organização da esfera pública burguesa e proletária), de Oskar Negt e Alexander Kluge (1972). Nesse quadro, destacam-se as ambivalências e as múltiplas formas de organizar e de submeter-se a regimes de temporalidade que, o mais das vezes, são determinados externamente, a começar pelo ritmo imposto pela rotina fabril. Isso vale, no entanto, também para a vida doméstica, o que não só leva essas mulheres à dupla ou tripla jornada laboral, mas ao movimento de

⁷ A abordagem segue no horizonte de interesses acadêmicos. No semestre de inverno de 2022/2023, por exemplo, foi oferecido na Humboldt-Universität zu Berlin um seminário regular para a graduação cujo objetivo foi revisitar o conceito de dupla socialização. Sob o título de *Sorge/Arbeit/Krise. Zur Aktualität des Konzeptes der Doppelten Vergesellschaftung von Frauen*, foi ministrado sob responsabilidade de Christine Wimbauer.

(<https://agnes.hu-berlin.de/lupo/rds?state=verpublish&status=init&vmfile=no&publishid=197724&moduleCall=webInfo&publishConfFile=webInfo&publishSubDir=veranstaltung>).

⁸ O trabalho de Pross se estendeu ainda a outros temas a abordagens, como a relação entre capitalismo e democracia (Pross, 1972). Além disso, a Professora tomou parte do debate público em intervenções na TV e ao escrever para as revistas ilustradas *Brigitte* e *Eltern*, a primeira dedicada à mulher, a segunda à família. Este processo encontrou no recente livro de Jörg Später (2024) uma boa exposição. Além disso, com o apoio de *Brigitte* ela realizou estudos de grande alcance (Pross, 1975; 1978), cujos resultados foram apresentados em livros com conteúdo bem sistematizado e propondo um horizonte de leitura para além dos espaços estritamente acadêmicos. Uma dessas obras ocupa-se, de forma pioneira, da condição masculina, intitulando-se exatamente *Die Männer* (Pross, 1978). Sublinhe-se também sua contribuição apresentando e divulgando a produção intelectual de Franz Neumann (1967).

lutar por um sentido em processos tão fatigantes que, com frequência, são eivados de frustração. Exemplar é falta de tempo destinado à prole, o que gera lacunas na experiência de partilhar e orientar seu crescimento. Uma respondente diz que obtém apenas um pequeno pedaço do bolo, referindo-se a não ter presenciado os primeiros passos e o desenvolvimento da linguagem mais complexa do filho. Ao mesmo tempo, permanecem no campo da fantasia as possibilidades de ocupação autônoma do tempo livre, uma vez que tal dimensão simplesmente não é alcançada.

Por outro lado, ao revisitar os resultados daquela pesquisa de tantos anos antes, Becker-Schmidt (2001) destaca o quanto o trabalho é uma categoria oscilante, ao menos nos termos das expectativas das trabalhadoras. Confrontadas com as contradições impostas pela dinâmica laboral e pelo cotidiano não remunerado e muitas vezes invisível no espaço doméstico, a posição das mulheres costuma ser ambivalente: a opção de renúncia a uma e outra atuação não se coloca, então a posição não pode ser outra que pendular: desejam o trabalho remunerado, assim como a possibilidade de uma vida na qual em casa possam cuidar de seus filhos. Entre uma e outra situação, os esforços, a fadiga e os horizontes de possibilidade se alternam, se ampliam, se reduzem.

5 FINAL

Regina Becker-Schmidt cresceu e formou-se como pesquisadora e intelectual em uma Alemanha Federal muito conservadora, a do pós-Guerra. Na sociedade do país dividido, os anos escolares e universitários da jovem da região do Ruhr não foram de grande presença do pensamento avançado. A Teoria Crítica, apesar da fama e de ter se tornado um tema acadêmico legitimado, principalmente a partir dos anos 1970, foi mais exceção do que regra. Nesse quadro, o pioneirismo da Professora, que por si já é considerável, se eleva pelo interesse e investimentos na investigação sobre mulheres, em especial no que se refere às condições da dupla socialização, no trabalho assalariado e na vida doméstica.

Com isso, e sem deixar de considerar os limites das contribuições de Adorno especificamente sobre a condição feminina, Becker-Schmidt avançou com sua pesquisa a partir da crítica à racionalidade instrumental e às contradições de classe na sociedade capitalista, cujo modelo lhe serviu de inspiração para estudar as colisões de gênero. Seu movimento foi determinado também pela investigação empírica,

ofício que deve aos anos de aprendizado no Instituto de Pesquisa Social. Com uma escrita que sempre foi complexa, precisa e estilisticamente expressiva, seus trabalhos com frequência se estruturam mais como artigos do que como ensaios, se comparados com seus colegas vindos de Frankfurt para Hannover, como Oskar Negt e Detlev Claussen. Não é incomum, por exemplo, encontrarmos neles a paciosa revisão de posicionamentos e autores com os quais ela logo adiante se confrontará, argumentando com conceitos e resultados de pesquisa a favor de sua posição (entre outros, Becker-Schmidt, 1999b; 2003).

Com tudo isso, ela pôde fazer justiça à Teoria Crítica como análise de um mundo em transformação, movimentando-a para além do academicismo que a transformou em um assunto a mais do mainstream universitário. A aposentadoria não impediu, aliás, que ela seguisse atuando na docência e na formação das gerações subsequentes, revendo e atualizando teoria e abordagem metodológica. Desta forma, é possível pensar sobre uma sociedade cujas possibilidades não se esgotam no presente que, no entanto, guarda o potencial de sua superação – tensionando, com isso, o desencontro entre o que é e o que poderia ser. No interior desse movimento a crítica feminista de Becker-Schmidt pôde encontrar, exatamente porque não generaliza a condição feminina, uma teoria do sujeito que, sem abstrações, o observa em sua singularidade.

Em 28 de setembro de 2024 apareceu no Frankfurter Allgemeine Zeitung, da cidade em que Becker-Schmidt estudou, pesquisou, doutorou-se e lecionou, antes de tornar-se Professora em Hannover, um obituário em sua honra. Entre outras e outros, ele veio assinado por Axeli Knapp, Klaus Meschkat, Christine Morgenroth-Negt. A ele se juntaram notas de pesar do Instituto de Pesquisa Social, da Universidade de Hannover, das Associações Alemã e Austríaca de Sociologia. No tradicional diário de Frankfurt, a homenagem dizia que com a amiga, colega e professora houve a experiência da vivacidade do pensamento que, tornado seu, seguirá vivo. Eis uma síntese feliz da trajetória intelectual dessa grande Professora.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. (1997a): *Ästhetische Theorie*. In: *Gesammelte Schriften* (vol. 7). Frankfurt: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997b): “Resignation”. In: *Gesammelte Schriften* (vol. 10-2). Frankfurt: Suhrkamp, p. 794-799.

- ADORNO, Theodor W. (1997c): “Was bedeutet: Aufarbeitung der Vergangenheit”. In: *Gesammelte Schriften* (vol. 10-2). Frankfurt: Suhrkamp, p. 555-572.
- ADORNO, Theodor W. (2023): *Philosophie der neuen Musik*. 13 ed. Berlin: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W.; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, Nevitt. (2019): *The Authoritarian Personality*. Londres; Nova York: Verso.
- BECKER-SCHMIDT, Regina. (1987): “Die doppelte Vergesellschaftung die doppelte Unterdrückung: Besonderheiten der Frauenforschung in den Sozialwissenschaften”. In: I. Wagner, L. Unterkirchner: *Die andere Hälfte der Gesellschaft*. Viena: Verlag des Österreichischen Gewerkschaftsbundes, 10-28.
- BECKER-SCHMIDT, Regina (1999a): “Feminism, culture and society: the relevance of critical theory for contemporary feminisms”. In: M. O’Neill, Maggie. *Adorno, Culture and Feminism*. Londres: Sage, p. 104-118.
- BECKER-SCHMIDT, Regina (1999b): “‘Individualisierung’: Vergesellschaftungsform ohne Gesellschaft? Feministische Ideologiekritik an einer These von Ulrich Beck”. In: W. Lenk, M. Rumpf, L. Hieber: *Kritische Theorie und politische Eingriff*. Oskar Negt zum 65. Geburtstag. Hannover: Offizin.
- BECKER-SCHMIDT, Regina. (2001): Die Bedeutung weiblicher Arbeitsbiografien für eine selbstbestimmte Interessenvertretung von Frauen. In: D. Claussen, O. Negt, M. Werz: *Philosophie und Empirie* (Hannoversche Schriften 4). Frankfurt am Main: Neue Kritik, p. 69-94.
- BECKER-SCHMIDT, Regina. (2003): Zur doppelten Vergesellschaftung von Frauen. Soziologische Grundlegung, empirische Rekonstruktion, unter: https://www.fuberlin.de/sites/gpo/soz_eth/Geschlecht_als_Kategorie/Die_doppelte_Vergesellschaftung_von_Frauen/becker_schmidt.pdf.
- BECKER-SCHMIDT, Regina (2004): Adornos Gesellschaftstheorie. Anstoß für feministische Kritik und Herausforderung zum Weiterdenken. In: M. Zuckermann (Org.): *Theodor W. Adorno – Philosoph des beschädigten Lebens*. Göttingen: Wallstein, p. 61-82.
- BECKER-SCHMIDT, Regina; BRANDES-ERHOFF, Uta; KARRER, Marva; AXELI-KNAPP, Gudrun; RUMPF, Mechthild; SCHMIDT, Beate. (1982): *Nicht wir haben die Minuten, die Minuten haben uns*. Zeitprobleme und Zeiterfahrungen von Arbeitermüttern in Fabrik und Familie. Bonn: Neue Gesellschaft.
- BILDEN, Helga; FLAAKE. (1994). “Im Gespräch: Regina Becker-Schmidt mit Helga Bilden und Karin Flaake”, *Journal für Psychologie*, 2(3), 58-65. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-24841>.
- BRÜCKNER, Peter. (2019): *Das Abseits als sicherer Ort: Kindheit und Jugend zwischen 1933 und 1945*. Berlin: Klaus Wagenbach.
- CLAUSSEN, Detlev. (2005): Editorische Vorbemerkung. In: D. Claussen, O. Negt, M. Werz: *Veränderte Weltbilder* (Hannoversche Schriften 6). Frankfurt am Main: Neue Kritik, p. 6-8.
- DELLA TORRE, Bruna. (2021): *As frankfurtianas: Regina Becker-Schmidt e a teo-*

- ria crítica feminista. São Paulo: *Blog da Boitempo*. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2021/10/28/as-frankfurtianas-regina-becker-schmidt-e-a-teoria-critica-feminista/>.
- FREITAG, Barbara. (1986): *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense.
- FRÜCHTL, Josef; CALLONI, Maria (Orgs.). (1991). *Geist gegen den Zeitgeist*. Erinnern an Adorno. Frankfurt: Suhrkamp.
- HARTLE, Johan Frederik; NEGT, Oskar (2018): Kooperationszusammenhänge kritischer Theorie [Ein Gespräch]. *Zeitschrift für kritische Theorie*, n. 46-47, p. 145-165.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (Org.) (1973): *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- INSTITUT FÜR SOZIALFORSCHUNG (Org.). (2013): *Soziologische Exkurse*. Hamburgo: Europäische Verlagsanstalt.
- MARCUSE, Herbert. (1967): *Das Ende der Utopie*: Vorträge und Diskussionen in Berlin 1967. Berlin: Maikowski.
- NEGT, Oskar (Org.). (1968): *Die Linke antwortet Jürgen Habermas*. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt.
- NEGT, Oskar; KLUGE, Alexander (1972): *Öffentlichkeit und Erfahrung*: Zur Organisationsanalyse von bürgerlicher und proletarischer Öffentlichkeit. Frankfurt: Suhrkamp.
- NEGT, Oskar. (1980): “As condições para dizer-se marxista”, *Encontros com a civilização brasileira*. Vol. 19, p. 11-15.
- NEGT, Oskar. (1984): *Dialética e história: crise e renovação do marxismo*. Porto Alegre: Instituto Goethe no Brasil/Movimento.
- NEUMANN, Franz. (1967): *Demokratischer und autoritärer Staat*. Studien zur politischen Theorie. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt; Viena: Europa Verlag.
- PROSS, Helge. (1969): *Über die Bildungschancen von Mädchen in der Bundesrepublik*. Frankfurt: Suhrkamp.
- PROSS, Helge (1969): *Über die Bildungschancen von Mädchen in der Bundesrepublik*. Frankfurt: Suhrkamp.
- PROSS, Helge (1973): *Gleichberechtigung im Beruf? Eine Untersuchung mit 7000 Arbeitnehmerinnen in der EWG*. Frankfurt: Athenäum.
- PROSS, Helge (1975): *Die Wirklichkeit der Hausfrau*. Hamburgo: Rowohlt.
- PROSS, Helge (1978): *Die Männer*. Hamburgo: Rowohlt.
- RITSERT, Jürgen; BECKER, Egon. (1971): *Grundzüge sozialwissenschaftlich-statistischer Argumentation*: Eine Einführung in statistische Methoden. Opladen: Westdeutscher Verlag.
- SCHMIDT, Regina (2021): “Protokoll zur Musiksoziologischen Vorlesung mit Übung vom 23.1.1962”. In: D. Braunstein (Org.): *Die Frankfurter Seminare Theodor W. Adornos*: Gesammelte Sitzungsprotokolle 1949-1969 (Vol. 3). Berlin/Boston: de Gruyter, p. 228-232.

- SCHMIDT, Regina; BECKER, Egon. (1967): *Reaktionen auf politische Vorgänge: Drei Meinungsstudien aus der Bundesrepublik*. Frankfurt: Europäische Verlagsgestalt. (Frankfurter Beiträge zur Soziologie, vol. 19).
- SCHMIDT, Regina; TILLACK, Hilmar. (2022): "Protokoll des Soziologischen Seminars von Prof. Adorno am 12. 1. 60" (vergleichend mit dem Rohentwurf der A-Skala zu lesen) In: D. Braunstein (Org.). *Die Frankfurter Seminare Theodor W. Adornos: Gesammelte Sitzungsprotokolle 1949-1969* (Vol. 2). Berlin/Boston: de Gruyter, p. 405-412.
- SCHMIDT-OTT, Hannah. (2018): "Es sind die gesellschaftliche Widersprüche, die man aufspüren muss. Regina Becker-Schmidt im Gespräch mit Hannah Schmidt-Ott", *Soziopolis*. Gesellschaft Beobachten (<https://www.sozio-polis.de/es-sind-die-gesellschaftlichen-widersprueche-die-man-aufspueren-muss.html>).
- SPÄTER, JÖRG. (2024): *Adornos Erben*. Eine Geschichte der Bundesrepublik. Berlin: Suhrkamp.
- VAZ, Alexandre Fernandez (2015): Em nome do pai, aus dem abseits: sobre Peter Brückner, *Pensar a educação em pauta: um jornal para a educação brasileira*. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em <https://pensaraeducacao.com.br/em-nome-do-pai-aus-dem-abseits-sobre-peter-bruckner-exclusivo/>.